

*As actividades creditícias das Misericórdias de Setúbal e Lisboa*  
(sécs. XVII-XVIII)

Laurinda Abreu  
(Universidade de Évora)

O recurso ao mercado de capitais tem tradição antiga na história das Misericórdias, como, aliás, das instituições religiosas em geral, recuando mesmo aos tempos em que o empréstimo a juros era penalizado quer pelas leis da Igreja, quer pelas do Reino.

Na gestão financeira das Santas Casas, o movimento creditício consubstancia-se em três actuações distintas, ainda que relacionadas entre si: o empréstimo a juros – destacando-se aqui o crédito aos confrades –, o pedido de dinheiro para o recolocar no mercado, e, por último, a aquisição, quase sempre forçada, de juros sobre a fazenda pública.

No “jogo das trocas”, as Misericórdias esperavam que os capitais assim investidos frutificassem de forma rápida, sem as despesas inerentes à manutenção da propriedade imóvel. No médio prazo, contudo, e por circunstâncias várias, qualquer uma destas aplicações se traduziria numa imobilização de capital, com elevadíssimos custos em termos de gestão patrimonial. De Setúbal a Lisboa – ainda que aqui muito menos documentado –, as Misericórdias acumularam dívidas de várias dezenas de contos de réis, que frequentemente se tornaram insolúveis, arrastando-as para situações de ruína iminente. Um comportamento que as Santas Casas repetem, na sua qualidade de devedoras, e que as enleiam em processos litigiosos de grande envergadura, que se arrastam pelos tribunais, às vezes durante várias décadas. Enfim, problemas comuns às instituições com práticas de gestão que, de certa forma, se podem considerar empresariais, mas que aqui têm repercussões específicas uma vez que se está em presença de confrarias com responsabilidades no campo da assistência, sobretudo hospitalar.

É na linha de confluência entre os interesses económicos das Misericórdias e as responsabilidades sociais a que estavam obrigadas, que procuraremos analisar – até onde a documentação permitir – as actividades creditícias das Misericórdias de Setúbal e Lisboa, entre os séculos XVII e XVIII.